

CONSTRUÇÕES NARRATIVAS, RECONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM *THE BLACK ALBUM* DE H. KUREISHI

NARRATIVE CONSTRUCTIONS, IDENTITY RECONSTRUCTIONS IN H. KUREISHI'S *THE BLACK ALBUM*

RESUMO

O romance *The Black Album*, escrito por Hanif Kureishi e publicado em 1995, aborda a questão da identidade nas mais diversas constelações: o jovem, filho de imigrantes; os atores sociais da geração de 68, os jovens fundamentalistas, mas também a identidade especificamente feminina tanto de mulheres imigrantes como em outras interseções. Este artigo pretende analisar a narrativa de identidade de uma dessas personagens femininas, pertencente ao grupo majoritário, com foco em sua identidade cultural e, num segundo passo, nas formas como ela negocia os signos que compõem sua identidade. Essa é compreendida aqui como narrativa concatenada a partir dos signos negociados nas interações sociais e que fornecem sentido ao indivíduo.

Palavras-chave: Hanif Kureishi. *O álbum negro*. Mulher. Identidade narrativa. Negociação de sentido.

ABSTRACT

The novel *The Black Album*, written by Hanif Kureishi and published in 1995, tackles questions about identity from very different angles: the young man, son of immigrants; social actors of 1968 and young fundamentalists, but it is also about a specifically female identity both of immigrant women and those belonging to the majority group. This article aims to analyse the identity narrative of one of these female characters, belonging to the majority group, focusing on her cultural identity and, in a second step, on the ways she negotiates the signs which make part of her identity. In this context, identity is understood as a narrative bound together with the signs negotiated in social interactions and which provide the individual with meaning.

Keywords: Hanif Kureishi. *The Black Album*. Woman. Narrative Identity. Meaning making.

Dionei Mathias

Professor da Universidade Federal de Santa Maria. Email: dioneimathias@gmail.com

Introdução

O romance *The Black Album* foi publicado em 1995 e traduzido para o português como *O álbum negro* em 1997, por Celso Nogueira. Ambientado no contexto sociocultural britânico do final da década de oitenta, o romance aborda questões de interação social que continuam prementes: o fundamentalismo, a liberdade de expressão, dinâmicas de inclusão e exclusão pautadas por imposição de alteridade, mas também auto concepções femininas que repensam a condição da mulher, quase ao final do milênio. Hanif Kureishi, muitas vezes, é citado e discutido no contexto da literatura originada nas coordenadas de fluxos migratórios. Seus textos, contudo, vão muito além disso, discutindo com frequência novas formas de pensar o corpo, a sexualidade e a interação social em diversos contextos da realidade social.

O álbum negro, segundo romance publicado de Hanif Kureishi, tem como protagonista um jovem, filho de imigrantes, que deixa o interior da Inglaterra para estudar numa universidade londrina. Com efeito, a realidade diegética apresenta claros traços do romance de formação, pois o jovem Shahid vai ser confrontado com formatações culturais e com diversos atores sociais que o forçam a posicionar-se no palco de interações (MATHIAS, 2013). Como muitos outros personagens do autor britânico, o jovem Shahid vai aprendendo algo sobre si, aprimorando sua narrativa de identidade, seu conhecimento sobre o corpo, sua administração de signos culturais e tudo aquilo que forma a base de sua visão de realidade. A ida a Londres, nesse contexto, é uma viagem de descoberta (KURTEN, 2002).

É nesse processo de deslocamento espacial que Shahid conhece a professora universitária Deedee Osgood. Num primeiro momento, essa personagem parece ter unicamente a função de ilustrar os caminhos de construção da identidade de Shahid Hasan. Numa segunda aproximação, ela assume um lugar central no universo diegético, ao problematizar especificamente as questões da condição da mulher e sua própria busca por uma narrativa de identidade que condiga com seus anseios pessoais. Nisso, Kureishi problematiza o próprio conceito de identidade, indicando que a tessitura da narrativa pessoal não está restrita aos anos de formação. Com efeito, Deedee se encontra numa fase, na qual já resolveu muitos dos grandes questionamentos pessoais da primeira fase da vida adulta, incluindo aí uma série de experiências profissionais, culturais e íntimas. Isso, contudo, não significa – nisso reside a problematização de Kureishi – uma estagnação nas formações de malhas de sentidos em volta dessas questões. Assim, a professora de meia idade se vê confrontada, de certo modo, com os mesmos questionamentos que marcam a busca do jovem Shahid, mas a partir de uma nova perspectiva, essa marcada pelo estágio da vida e pelo conhecimento alcançado por meio de experiências que buscavam respostas para os seus anseios.

O que caracteriza essa peculiaridade na visão de mundo e no potencial de narração identitária (RICOEUR, 1991) reside, antes de mais nada, num posicionamento bem específico nas interseções dos diversos vetores que configuram

a vida social. Reproduzo na sequência uma citação clássica da teoria que concerne à interseccionalidade, na qual Shields (2008, p. 301) fornece uma reflexão central que pode orientar o trabalho de interpretação da figuração feminina no romance:

A perspectiva da interseccionalidade, além disso, revela que as identidades sociais do indivíduo influenciam profundamente nossas crenças sobre e a experiência de gênero. Como resultado, pesquisadoras(es) feministas chegaram à conclusão de que o lugar social do indivíduo como refletido nas identidades que se interseccionam deve estar no centro de qualquer investigação de gênero. Em particular, gênero deve ser entendido no contexto de relações de poder inseridas em identidades sociais.¹

O lugar na interseção, certamente, ainda não define o modo como a identidade vai, de fato, ser narrada. Contudo, o posicionamento que um indivíduo ocupa na interseção dos vetores de interação social define, em grande parte, quais os potenciais que pode desenvolver ou quais os obstáculos com os quais precisa contar. Assim, o pertencimento a uma classe social, a idade, a cor da pele, a origem nacional ou regional, mas também o próprio capital corporal – em analogia aos diferentes tipos de capital pensados por Bourdieu (1983) – acabam tendo um impacto no modo como a identidade pode ser narrada. Contudo, a organização da narrativa depende da forma como o sujeito vai administrar os condicionamentos sociais, por um lado, e inserir suas habilidades pessoais por outro.

A tessitura da narrativa de identidade compreende, portanto, um trabalho de administração desses vetores por parte do indivíduo. Nisso, o trabalho de descoberta e autoformação inclui primeiramente a obtenção de conhecimentos sobre o próprio lugar nessas coordenadas e, num segundo estágio, a reflexão sobre a forma como esses vetores pré-definem o lugar de fala do sujeito. Com base nesse conhecimento, o indivíduo tem um instrumentário que lhe permite questionar as práticas sociais, se o lugar de sua interseção não o beneficia, e que o incita a participar da administração dos discursos que configuram a vida social. Assim, esse posicionamento específico vai ter um impacto sobre sua narrativa de identidade cultural, na administração de relacionamentos íntimos, mas também na forma como o corpo é percebido e a sexualidade concretizada nas interações do cotidiano.

A narrativa da identidade não começa pela afiliação cultural, mas esta define, em grande parte, como o sujeito é treinado a ver e interpretar a realidade (KEUPP, 2002). Assim, o vetor da nação com sua diversidade de configurações culturais pré-dispõe, de certo modo, como a narrativa vai ser organizada e o que vai receber maior importância. Nisso, a narrativa de identidade feminina vai apresentar

¹ “The intersectionality perspective further reveals that the individual’s social identities profoundly influence one’s belief about and experience of gender. As a result, feminist researchers have come to understand that the individual’s social location as reflected in intersecting identities must be at the forefront in any investigation of gender. In particular, gender must be understood in the context of power relations embedded in social identities” (SHIELDS, 2008, p. 301).

grandes diferenças, dependendo do lugar de nascimento e das práticas ideológicas daquele espaço. Uma narrativa pautada pela cultura muçulmana é diferente daquela oriunda, por exemplo, de um grande centro metropolitano, num país rico. Contudo, isso ainda não revela nada sobre como cada sujeito vai, de fato, concretizar e tecer sua autorrepresentação. Por mais que um espaço seja caracterizado por práticas restritivas, a criatividade de cada indivíduo tem um potencial substancial de inovação e criatividade. Essa margem de reformulação das práticas existentes num espaço social, no entanto, depende de um grande empenho de energia e suporte de capital social, a fim de transgredir as modalidades de pensamento que imperam nas coordenadas de concretização existencial. Sabidamente, esse empenho não é simples.

Uma parte do trabalho de socialização inclui a internalização de práticas de comunicação, pensamentos, afetividade e comportamento (HANSEN, 2003). Isto é, quando o sujeito começa a refletir sobre seu posicionamento nos vetores sociais, ele já passou por um processo de internalização da prática dominante, assumindo por meio dela uma parcela substancial no modo como vai enxergar o mundo, incluindo aí o lugar e as vozes femininas. O que possivelmente desencadeia os processos de inovação e reinterpretação da realidade é a alteridade do sujeito e, conseqüentemente, a sensação de dissonância, diante daquilo que uma determinada cultura previu para seus atores sociais. Esse posicionamento marcado pela experiência da diferença produz um olhar questionador sobre as práticas dominantes internalizadas e, dependendo do seu grau de articulação, como também da disposição de capital social, cultural e econômico (BOURDIEU, 1983), esse olhar vai gerar novas formas de conceber indivíduos e grupos num determinado espaço. Essa concepção representa o início de um processo de narrativização que vai definir também a identidade do sujeito.

Atreladas às práticas dominantes e ao processo de inovação, encontram-se também as modalidades de administração de relacionamentos íntimos, do corpo e da sexualidade. Com sua socialização, o sujeito recebe um pacote com as possibilidades de pensar e concretizar relacionamentos íntimos e imaginar o futuro. Assim, em muitas sociedades, o matrimônio monogâmico com o projeto de construção de família e narrativa identitária conjunta representa um projeto central – ao lado do êxito profissional – que deve ser alcançado numa determinada faixa etária. Com isso, a forma como o futuro deve ser imaginado também está definido. Desse modo, o sujeito recebe as coordenadas que vão nortear os objetivos que deseja alcançar. O mesmo vale para a forma como o corpo e a sexualidade devem ser administrados e encenados em diferentes espaços de interação. Por mais táticas que sejam as regras, elas permeiam a visão de mundo e impõem mesmo através do silêncio as normas que devem ser seguidas.

Em havendo discordância com essas regras – e isso não precisa ser explícito e marcado pelo confronto – o indivíduo se vê obrigado a negociar os sentidos que marcam sua identidade, em todas as áreas de concretização existencial. Isso começa na interação entre atores sociais isolados e, dependendo do grau de eficácia na

negociação, passa a valer também em grupos maiores, até fazer parte do processo de socialização. Contudo, a marca da diferença é justamente o desafio da negociação e a dificuldade da revisão da interpretação de realidade legada no processo de socialização. A inovação de narrativas de identidade, portanto, sempre parecem desafiar e exigir não somente do sujeito que instaura a inovação, mas também dos interlocutores que são confrontados com ela, a reorganizar sua própria malha de sentidos.

Os desafios da imaginação e da narração de identidade que a personagem Deedee Osgood enfrenta são completamente diferentes daqueles que o jovem Shahid precisa processar. Deedee é uma personagem feminina, branca, inglesa, de meia idade, classe média, intelectualizada e que vive no grande centro urbano de Londres. Em grande parte, esses vetores a beneficiam, se comparados a outras personagens femininas, por exemplo, da literatura negra, indígena ou de imigração. Contudo, a despeito dessa configuração relativamente positiva, Deedee Osgood experimenta a dissonância das práticas dominantes, transformando-a numa personagem caracterizada pela alteridade. Nesse sentido, este artigo deseja discutir seu posicionamento frente às práticas culturais e à administração de processos de negociação, com os quais se vê confrontada no desenvolvimento do enredo.

Pêndulos culturais: certezas e ceticismos

Na primeira conversa entre Deedee Osgood e o protagonista Shahid Hasan, a professora revela uma série de informações sobre seu posicionamento cultural e, com isso, também sobre sua visão de mundo. Assim, o espaço no qual ela se encontra na universidade está caracterizado por malhas de sentido, cuja função reside em reforçar sua narrativa de identidade.

Sabendo que estava na hora de tomar a iniciativa, procurou-a em Londres. Bateu em sua porta; antes que ela se apresentasse, confundiu-a com uma aluna. A sala era, no máximo, três vezes maior que uma cabine telefônica. Colados na parede, ele viu retratos de Prince, Madonna e Oscar Wilde, este último com uma citação: “todas as limitações são prisões”.

Deedee o interrogou a respeito da vida em Sevenoaks e suas leituras. Apesar das questões difíceis sobre Wright e Ellison, Alice Walker e Toni Morrison, ela procurou ajudá-lo a se sair bem. Shahid percebeu isso claramente.

Notando que olhava para o retrato do Prince, ela disse: “Você gosta do Prince?” (KUREISHI, 1997, p. 32)².

Começando pelas imagens que adornam a sala, Deedee insere malhas de sentido em sua representação, a fim de indicar a seus locutores seu posicionamento frente às redes ideológicas e às interpretações de realidade que regem a prática de comportamentos e ações naquele espaço cultural. Assim, a escolha desses três produtores de malhas culturais e instauradores de sentidos – Prince, Madonna e Oscar Wilde – a caracteriza, antes de mais nada, como alguém que não aceita as barreiras entre cultura erudita e popular, colocando-as lado a lado e fazendo-as dialogar de modo inovador. Esse comportamento está em consonância com a citação de Wilde, de modo que a “prisão” imposta já no contexto universitário passa por seus questionamentos. De fato, ela repensa o modo como a própria organização do pensamento está configurado e negocia novas formas de gerenciá-lo. O confronto com as imagens representa uma de muitas formas de desestabilizar as práticas arraigadas, a fim de criar um espaço existencial que preveja também a presença de interlocutores, marcados ainda pela alteridade. Nisso, a presença dessas malhas de sentidos funcionam como pano de fundo.

Quando Deedee começa a entrevistar Shahid, a professora revela algo sobre sua identidade profissional e, atrelado a isso, seu posicionamento intelectual. As leituras que ela exige em sua avaliação indicam uma esfera de interesse que está relacionada não somente ao contexto cultural das margens étnicas onde ela trabalha como professora – grande parte dos discentes é estrangeira ou tem alguma afiliação não britânica – mas também à sua visão de mundo e à forma como se define em sua identidade pessoal. Assim, a escolha dos quatro autores “Wright e Ellison, Alice Walker e Toni Morrison” não é casual. Todos eles são importantes representantes da literatura afro-americana. Da mesma forma como Deedee dialoga com representantes da cultura pop, ela, nesse movimento, se aproxima de um legado literário cultural, a fim de desencadear reflexões sobre as malhas de produção de sentido. Nisso, ela se dirige a um outro contexto cultural, dialoga com ele e traz suas perspectivas para o seu contexto social, a fim de trabalhar com os potenciais de sentido inerentes aos universos diegéticos daqueles autores. Deedee faz uma importante concatenação não explicitada no trecho, a saber, os paralelos entre a condição da população negra nos Estados Unidos e a realidade social das minorias étnicas na Grã-Bretanha. Contudo, a interpretação não é imposta, ela se estabelece como um potencial de diálogo com seus alunos e nem sempre obtém aceitação. Essa não aceitação se revela na reação,

² “Knowing it was time to take the initiative, he went to find her in London. After knocking on her door, in the moment before she introduced herself, he thought she was a student. Her office was only three times the size of a telephone booth. Pinned above the desk were pictures of Prince, Madonna and Oscar Wilde, with a quote beneath it, ‘All limitations are prisons’.

Deedee interrogated him about his life in Sevenoaks and his reading. Despite her difficult questions about Wright and Ellison, Alice Walker and Toni Morrison, she was willing him to do well, he could feel that.

Noticing him looking at the Prince photograph, she said, ‘You like Prince?’ (KUREISHI, 1995, p. 25).

especialmente por parte de alunos com claro posicionamento fundamentalista, e na imagem que constroem dela por exemplo como “sacerdotisa da pornografia” (KUREISHI, 1997, p. 236).

No final do trecho citado, o olhar das personagens se volta para o cantor e compositor Prince. Ele assume um papel central nesse romance, pois o próprio título do romance alude e dialoga com *The Black Album* de Prince. Prince, como caracterizado no universo diegético, representa um ator social que não permite definição, no sentido, de encerramento da discussão sobre o que ele é e representa. Com efeito, ele parece desconstruir todos os parâmetros de apropriação da realidade, incluindo aí percepções dicotômicas de raças, de gênero e também de pertencimento a esferas culturais (erudita versus popular, por exemplo). Ao colocar essa imagem em sua sala, um espaço altamente semantizado, Deedee convida seus interlocutores a pensar de que forma esse produtor cultural dialoga com a sua identidade profissional e cultural. Num outro vetor de ação, ela indiretamente adota o legado de sentido deixado por Prince para sua própria concretização existencial, uma vez que busca constantemente por formas de inovação de sua própria representação, refletindo sobre o lugar da alteridade na administração de sua identidade. Na prática docente, encenada ao longo do desenvolvimento do enredo, Deedee estimula seus alunos a desconstruírem crivos de pensamento demasiado engessados e os convida a tecer novas formas de interpretar a realidade e as interações sociais. A partir desse movimento – motivado pelo exemplo de Prince – de desconstrução de papéis e lugares herdados, em sociedades que preveem narrativas tradicionais de identidade, a professora confronta seu público com formas alternativas de pensar e concretizar a narrativa de identidade, por exemplo quando encoraja seus alunos a estudar qualquer coisa que desperte seu interesse como o “cabelo de Madonna” ou “a história da jaqueta de couro” (KUREISHI, 1997, p. 33).

Por um lado, o percurso cultural de Deedee está caracterizado pela certeza de que a abertura do sentido, sua fluidez e sua constante redefinição são elementos centrais para a existência contemporânea, em oposição portanto, a visões tradicionais de identidade caracterizadas por estabilidade e imutabilidade. Por outro lado, contudo, também há um ceticismo cada vez maior sobre os potenciais de mudança. Embora Deedee participe ativamente da militância política em prol dos interesses de grupos minoritários, começando por seu trabalho como docente, ela já não apresenta mais o mesmo entusiasmo ou, ao menos, a mesma certeza que tinha em seus anos de formação:

Em determinado período, na metade dos anos 70, chegamos a imaginar que a história estava do nosso lado. Gays, negros, mulheres, todos afirmavam sua condição e se organizavam. Passados menos de dez anos, depois das Falklands, da Campanha pelo Desarmamento Nuclear e da greve dos mineiros, percebi que o movimento ia em sentido contrário. Thatcher concentrara o

conflito. E conseguira dobrar todo mundo. Para onde poderíamos ir, a partir dali? (KUREISHI, 1997, p. 124)³.

Em um de seus diálogos, ela rememora esse passado e sua participação na tessitura política. Deedee fala a partir do presente diegético, que está ambientado no final da década de oitenta, portanto, nos últimos anos do governo da conservadora Margaret Thatcher, que governou a Grã-Bretanha entre 1979 a 1990, um governo marcado por políticas liberais e de redução do estado de bem-estar social. O tom adotado no excerto reforça a disparidade entre a política delineada nessa referência extraficcional e a militância política pelos direitos e pela representação de minorias, pela qual ela se engajou em sua juventude e anos de formação. A militância defendida por ela, contudo, não alcançou os objetivos desejados, pelo contrário, a lógica do capital com sua subordinação cega às imposições do mercado parece ter predominado, às custas dos interesses dos mais fracos da sociedade e com o apoio da grande maioria.

A pergunta que Deedee se coloca é como reagir num espaço de interação, em que essa espécie de darwinismo social impera e que também impacta sobre a existência das minorias étnicas que frequentam a universidade onde leciona. Com efeito, a frase final do trecho revela uma desorientação frente às tessituras culturais que caracterizam essa personagem feminina. A certeza de estar no caminho certo no que concerne ao projeto de nação, que marcava sua juventude, se revela como fracasso. Esse fracasso é ainda mais acentuado quando acaba sendo confrontada com os excessos de seus alunos fundamentalistas.

Em outra passagem, esse mesmo desafio volta, ao refletir agora sobre a sua condição de mulher. O que antes representava uma certeza inabalável em sua visão de mundo, se transforma em claro ceticismo no presente diegético:

Ela disse que as mulheres, nos anos 80, mesmo as de esquerda, queriam chegar às posições mais altas, conquistar a independência, progredir. Mas isso tinha um custo. Trabalhavam até à exaustão, desperdiçavam muita energia, pois precisavam se manter, e ajudar as amigas. Muitas desistiram da possibilidade de ter filhos. Para quê? No final, uma carreira não passava de um emprego. Não era uma vida (KUREISHI, 1997, p. 123)⁴

3 “There was a period, in the mid-seventies, when we imagined history was moving our way. Gays, blacks, women, were asserting and organizing themselves. Less than ten years later, after the Falklands, CND and the miner’s strike, even I could see the movement was in a contrary direction. Thatcher had concentrated the struggle. But she’d worn everyone down. Where did we go from here?” (KUREISHI, 1995, p. 116).

4 “She said that women in the 1980s, even the lefties, had aimed to get into powerful positions, be independent, achieve. But it had cost them. They’d worked themselves into the ground, drawing too deeply on their resources, having to support themselves as well as friends. Too many had forfeited the possibility of children. For what? In the end a career was merely a job, not a whole life” (KUREISHI, 1995, p. 116).

Deedee parece estar fazendo um acerto de contas com sua existência até aquele momento. Esta se encontra num estágio de vida, em que ela alcançou vários objetivos previstos para essa etapa: concluiu seus estudos e seus anos de formação, fez progressos profissionais e construiu um relacionamento estável. O enredo, contudo, começa com a exposição de um relacionamento em ruínas, o início de seu envolvimento com o estudante Shahid e termina com a insegurança no campo de trabalho. Em todos os campos de sua narrativa de identidade, Deedee experimenta fragilização e necessidade de reinvenção. Esse imperativo de reinvenção também vale para sua visão de mundo sobre a mulher.

Nesse processo, ela reavalia as chances da mulher na sociedade, refletindo sobre as exigências a serem cumpridas, a fim de obter o êxito sonhado. Deedee indica que essa luta por direitos iguais de participação e articulação de voz envolve a renúncia de outros elementos existenciais que talvez sejam igualmente importantes. O que antes era certeza de estar no caminho certo, no presente diegético, se materializa como questionamento e dúvida. Deedee parece se perguntar se valeu a pena investir tanta energia e renunciar a tanta coisa em nome da carreira. Ela não se posiciona claramente, mas indica o ceticismo que marca sua existência naquele momento. Tanto na questão política como na questão da militância feminina, ela precisa reformular sua narrativa de identidade e rever as formas de organizar sua interpretação da realidade. Nisso, o projeto aberto, não definido, representado por Prince parece ser um modelo de ação e narração.

Percursos da negociação

A partir desse pêndulo de pertencimento cultural marcado pela abertura e pela indefinição – entre uma visão política militante e um desnorreamento quanto ao futuro – Deedee precisa negociar sua narrativa identitária no cotidiano de suas ações. Essa negociação tem dois vetores importantes: por um lado a negociação de sentidos no contexto político, especialmente com os discentes caracterizados por um comportamento fundamentalista. Por outro lado, a negociação tem lugar no espaço das relações íntimas com o jovem Shahid, um espaço altamente politizado, como aponta Degabriele (1999). Em ambos os casos, Deedee exige de seus interlocutores uma revisão de suas narrativas, mas ela também se vê confrontada com o imperativo de repensar seu posicionamento.

Começando pelo segundo vetor, no qual Deedee desenvolve um relacionamento com Shahid, ambos precisam negociar a forma como desejam entender seu relacionamento e representá-lo primeiramente para si, posteriormente também para os outros interlocutores no espaço social:

Sentiam-se mais tímidos do que antes, um em relação ao outro. Havia manchas no rosto dela, e Deedee sempre virava a cara para escondê-las. Aquilo a exasperava.

“Eu queria estar bonita, para você, ela disse. Isso é realmente uma chateação. Preciso evitar todos os espelhos que não conheço” (KUREISHI, 1997, p. 129)⁵.

Um elemento importante nesse processo de negociação de sentidos é o corpo. A diferença de idade e os diferentes capitais corporais – entendido aqui como hierarquia pautada pelos parâmetros vigentes numa sociedade sobre aquilo que representa corpos desejáveis – têm um impacto sobre as malhas de intimidade tecidas pelo casal. Nesse sentido, a timidez talvez possa ser entendida, neste contexto, não somente como uma disposição afetiva frente ao corpo do outro, mas também com um estágio na produção de sentidos, em que estes ainda não alcançaram um grau de segurança e consolidação, típico de relacionamentos mais avançados. Nesse processo, o corpo representa uma plataforma central na produção de sentidos. Com efeito, Deedee se sente insegura em relação a seu corpo, o que a incita a ocultar elementos cuja atualização não deseja no processo de negociação. Sua estratégia de negar para si mesma potenciais de sentido que possam ter algum impacto na percepção de seu parceiro, de certo modo, busca pela manutenção de uma narrativa de identidade que esteja em consonância com a imagem construída para si. A concretização dessa imagem, contudo, depende da confirmação externa de seus interlocutores. Para Shahid, a percepção do corpo de sua parceira não adota os critérios que Deedee antevê. Ele aceita seu corpo como parte integral da narrativa de identidade que Deedee traz consigo. Ela, no entanto, ainda se encontra num processo de negociação, sobretudo, consigo mesma, a fim de aceitar as implicações daquilo que representa naquele momento.

Em outro momento, o casal conversa sobre relacionamentos e Deedee volta a falar do seu passado. Em analogia aos acontecimentos de sua identidade cultural – que passou da militância política a uma incerteza sobre o futuro – também esse excerto de sua narrativa segue essa trajetória:

Num determinado momento, a gente está perdidamente apaixonada, e noutro, não muito distante do primeiro, nem consegue acreditar que algum dia sentiu algo pelo sujeito. Já aconteceu com você? Uma vez, faz muitos anos, Andrew voltou de uma festa e me disse que havia beijado outra mulher. Naquela época, os casais tentavam ser totalmente honestos e abertos, sabe como é?

⁵ “They were shy of each other than before. One side of her face had gone blotchy; she kept turning her head, it was exasperating her. ‘I wanted to look good for you’, she said. ‘It’s really bloody annoying. I have to avoid all mirrors I don’t know” (KUREISHI, 1995, p. 116).

Por quê?

Nem lembro direito. Por razões políticas, creio. Seja lá como for, passei duas noites sem dormir. Nunca me senti tão abandonada. Agora, nem entendo o porquê de ter ficado daquele jeito. Ela suspirou. A gente espera, apesar dos pesares, que a intimidade deixe alguma marca mais profunda, que algo permaneça. Mas que nada. No final acaba pensando: puxa, quem é este cara? (KUREISHI, 1997, p. 57)⁶

Deedee fala de seu relacionamento com o marido, do qual se encontra em processo de separação. Nesse processo de rememoração, fica claro como houve uma alteração no modo como ela se apropria da realidade, administra seus relacionamentos e imagina sua identidade. No relacionamento com o ex-marido, Andrew, sua narrativa de identidade ainda estava muito proximamente ligada ao projeto do parceiro. A informação, portanto, de que ele optou por trilhar caminhos sem incluí-la, produzindo com isso malhas de sentido que ela não pode integrar em sua narrativa, a fragiliza e deixa, num primeiro momento, sem rumo. Apesar de saber que esse movimento acional estava ligado a uma prática cultural da época, ao menos no círculo que o casal frequentava, o confronto com a ruptura da narrativa causa uma virada na forma como ela apreende a realidade, o que culmina, no presente diegético, na compreensão do relacionamento como algo provisório e aberto, em consonância com a indefinição dos sentidos, representada no modelo de Prince.

Analisando esse relacionamento a partir do presente diegético, Deedee constata que aquilo que em um momento de sua existência foi crucial para a organização de sua identidade e para a produção dos sentidos que norteavam sua existência perdeu completamente a importância. A intimidade, constituída por uma estratégia do casal de administrar o corpo, os afetos e sua representação pessoal, desvanece diante da radicalidade do tempo. O sentido que parecia fixo e sólido se revela como passageiro e fugaz, forçando o sujeito a pensar sua narrativa de identidade a partir de outros vetores, especialmente no que concerne à administração de relacionamentos pessoais.

Diante desse cenário, obviamente a negociação das narrativas começa a ser marcada por outras estratégias, sem se importar em alcançar algo duradouro. Assim, Deedee argumenta: “Foi duro demais admitir a derrota, e depois a incerteza. Agora,

⁶ “One time you are passionately in love and then another time, not that long after you can’t believe how you could feel so much. Has that happened to you? Once, years ago, Andrew came home from a party and described kissing a woman. In those days couples were trying to be as honest and open as they could, you know.”

‘Why was that?’

I can’t quite remember. For political reasons, I think. Anyhow, for two nights I didn’t sleep. I had never felt so let down. Now I can’t even understand how I felt that way.’ She sighed. ‘One would hope, as well, that intimacy would leave more of a mark, that more of it would remain. But it doesn’t. You just end up thinking, who is this person?’ (KUREISHI, 1995, p. 49).

não quero mais ter certeza de nada” (KUREISHI, 1997, p. 124)⁷. Essa modalidade de administração afetiva tem um impacto para a negociação do relacionamento. Com efeito, o romance termina com o casal se assegurando que a manutenção do relacionamento está atrelada à existência do prazer. Sem ele, a narrativa conjunta perde sua legitimação. Se o primeiro relacionamento ainda era negociado pela produção de sentidos oriundos de uma imaginação de futuro conjunta com o objetivo de estabilidade, esse novo relacionamento de Deedee encontra seu sentido na presença do prazer no agora. A concatenação das narrativas, portanto, começa a apresentar uma rede causal diferente, marcada pelo princípio da instabilidade e temporário.

A partir dessa visão de mundo em que o prazer é o vetor que gera sentidos, Deedee também transfere esse crivo de percepção para outras esferas da narrativa de identidade, passando a pensar o tempo de lazer também pelo imperativo do prazer temporário. Quando ela convida Shahid a consumir entorpecentes, este a confronta com questionamentos. Na sua busca por conhecimentos e certezas para sua própria narrativa de identidade, ele lhe pergunta se prazer seria suficiente para nortear a existência. Sua resposta a esse questionamento não é definitiva, mas Deedee contrapõe o princípio do prazer e sua abertura na gênese de sentido à certeza excessiva e o fechamento para inovações que caracterizam os amigos fundamentalistas de Shahid (KUREISHI, 1997)

Essa discussão representa um dos momentos centrais, em que o casal negocia os sentidos que devem servir para gerar a confluência de narrativas. Contudo, da mesma forma que Deedee permanece cética em relação a sentidos fixos, Shahid também se opõe à ausência completa de compromisso: “O problema, Deedee, é que brancos inteligentes, como você, são cínicos demais. Enxergam coisas atrás de tudo, e reduzem tudo a pó, mas nunca tomam uma atitude. Por que você quer mudar tudo, se as coisas já são do jeitinho que você gosta?” (KUREISHI, 1997, p. 117)⁸. Em parte, essa discussão está atrelada à negociação da visão de mundo que vai nortear o relacionamento do casal. Por outro lado, também há nela um embate marcado por posicionamentos em interseções específicas: ela branca, britânica, classe média; ele traços étnicos diferentes da maioria, filho de estrangeiros, em transição econômica. Eles não resolvem a diferença por meio de um consenso. Cada um segue sua narrativa, mantendo os sentidos a que atribuem valor. Como resultado da negociação, há o reconhecimento e aceitação da alteridade do outro, sem renúncia das próprias visões de mundo.

Um segundo eixo de negociação reside do confronto de Deedee, no seu papel social de professora, com seus alunos, os quais defendem visões de mundo caracterizadas por tendências fundamentalistas. A interseção mencionada

7 “It’s been hard enough admitting to defeat and then to uncertainty. Now I don’t even want to be certain any more” (KUREISHI, 1995, p. 116).

8s “The thing is, Deedee, clever White people like you are too cynical. You see through everything and rip everything to shreds but you never take any action. Why would you want to change anything when you already have everything your way?” (KUREISHI, 1995, p. 110).

anteriormente também tem um impacto neste contexto, pois os estudantes são estrangeiros e filhos de estrangeiros, economicamente instáveis e defensores de uma ideologia que não tolera questionamentos. Essa especificidade no posicionamento social cria formas determinadas de práticas de negociação de identidade. Com efeito, o que acontece é a demonização da professora por parte dos alunos, justamente por representar um conceito de identidade aberta e que se reformula constantemente, sem atribuir fixidez a nenhum projeto cultural ou ideológico. O conflito chega a um ápice quando os estudantes organizam a queima do livro de Salman Rushdie. Deedee, como professora universitária e cidadã que lembra o que aconteceu em 1933 no Bebelplatz de Berlim, aciona a polícia. A partir daí, ela é vista como inimiga que ataca o estado britânico contra as minorias, é difamada como puta e como alguém que incita ao consumo de drogas, por fim também ridicularizada por contas das vestimentas e do corpo (KUREISHI, 1997, p. 236). O processo de demonização culmina com a perseguição. Assim, os estudantes planejam procurá-la no seu espaço privado e atear fogo em sua casa (KUREISHI, 1997, p. 236).

Diante dessas diversas práticas explícitas de violência já não existe mais diálogo. Contudo, a negociação de sentidos que vão nortear as respectivas identidades não sofre interrupção. Pelo contrário, o que parece ocorrer é uma intensificação da interpretação de realidade defendida pelos grupos, causando um comportamento de confrontação. A negociação, no entanto, não parece ir em direção à alteração, mas sim, na mobilização de recursos narrativos para a imposição da visão de mundo. Deedee sai ilesa desse conflito, mas ela constata que houve uma alteração massiva na forma como as ideologias foram administradas pela geração de 1968 e como isso ocorre trinta anos mais tarde.

Considerações finais

Marcada pela experiência da alteridade, a personagem Deedee Osgood redefine sua narrativa de identidade, reformulando sua visão de mundo a partir de seu posicionamento na interseção de vetores da vida social. Nisso, há um empenho expressivo de inovação e transgressão dos papéis previstos pelo ambiente cultural. Em seus percursos culturais, Deedee parte, na primeira fase de sua vida adulta, da certeza de que o engajamento político pode produzir mudanças, por exemplo, na representação de minorias ou nos direitos da mulher. Essa certeza se transforma em ceticismo diante da cultura política da década de oitenta, na qual imperam outros valores e a partir da qual surge um espaço social que questiona todos os esforços empreendidos pela geração de 68. Embora Deedee ainda mantenha uma atitude de questionamento político, trazendo o modelo de autores que discutem o lugar da mulher e de minorias, sua visão de mundo, no presente diegético, parece estar mais próxima do projeto cultural de Prince, um projeto marcado pela fluidez e transitoriedade do sentido. Assim, a certeza que antes residia na confiança plena no

engajamento social, agora está fincada na instabilidade de qualquer rede teleológica. Com isso, houve uma alteração substancial no modo como ela narra e concatena sua narrativa identitária.

Essa alteração também está presente no modo como ela conduz as negociações de sentido. No seu primeiro relacionamento, o sentido estava enfeixado na confluência com a narrativa de seu parceiro. No presente diegético, quando se envolve com o jovem Shahid, há um deslocamento da imaginação conjunta de futuro para a concretização do presente marcada pelo princípio do prazer. Assim, a negociação desse excerto de sua tessitura identitária passa a adotar outros critérios de concatenação. De certo modo, isso também vale para a forma como dialoga e negocia sentidos com as minorias ou com o discurso em volta da mulher. Embora defenda seus interesses e acredite na necessidade de mudanças na economia de chances e de participação, ela se questiona, no caso da discussão feminista, até que ponto o preço a ser pago pela igualdade ainda está em consonância com seus anseios. No caso das minorias, ela se recusa a dialogar com atores sociais que representam pensamentos fundamentalistas, acionando o estado como forma de negociação das malhas que formam o espaço existencial. Em vários contextos, essa personagem experimenta a dissonância, discordando de visões hegemônicas. Nessa condição marcada pela alteridade, surge um pensamento inovador que gera novos sentidos e que pode servir como base para repensar e transgredir as narrativas de identidade disponíveis para atores sociais cuja concretização existencial está caracterizada pela diferença.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital. In: KRECKEL, Reinhard (Ed.). *Soziale Ungleichheiten*. Göttingen: Otto Schwartz, 1983, p. 183-198.

DEGABRIELE, Maria. Prince of Darkness Meets Priestess of Porn: Sexual and Political Identities in Hanif Kureishi's *The Black Album*. In: *Intersections: Gender and Sexuality in Asia and the Pacific*, 1999, sem páginas.

HANSEN, Klaus P. *Kultur und Kulturwissenschaften*. Tübingen e Basel: A. Francke Verlag, 2003.

KEUPP, Heiner et alia. *Identitätskonstruktionen. Das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002.

KUREISHI, Hanif. *The Black Album*. London: Faber and Faber, 1995.

KUREISHI, Hanif. *O Álbum Negro*. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KURTEN, Marina. “Negotiating Identities: Expressions of ‘Culture’ in British Migrant Literature”. In: *Atlantic Literary Review*, 3 (2), 2002, p. 47-55.

MATHIAS, Dionei. “‘Todo poder à imaginação’: concepção e concretização de alteridade”. In: *Scripta Uniandrada*, v. 11, 2013, p. 97-112.

RICOEUR, Paul. Narrative identity. In: *Philosophy Today*, 35(1), 1991, p. 73-81.

SHIELDS, Stephanie A. “Gender: An Intersectionality Perspective”. In: *Sex Roles*, 2008, 59, p. 301-311.